

ENCONTRO ENTRE TELAS: ENTREVISTA GRUPAL ONLINE COMO DISPOSITIVO DE PRODUÇÃO DE DADOS EM PESQUISA

MEETING AMONG SCREENS: ONLINE GROUP INTERVIEW AS A RESEARCH DATA
PRODUCTION DEVICE

ENCUENTRO ENTRE PANTALLAS: ENTREVISTA GRUPAL EN LÍNEA COMO DISPOSITIVO
DE PRODUCCIÓN DE DATOS EM INVESTIGACIÓN

Aline Silva de Moura

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6636-0274>

Salvador, BA, Brasil

Sabrina Helena Ferigato

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7567-7225>

São Carlos, SP, Brasil

Recebido: 31/08/2023 / Aprovado: 10/07/2024

Como citar: MOURA, A. S.; FERIGATO, S. H. Encontro Entre Telas: entrevista grupal online como dispositivo de produção de dados em pesquisa. Revista GEMInIS, v. 15, n. 2, p. 284–298, 2024.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 3.0 Internacional.

RESUMO

A entrevista grupal online é o objeto deste estudo, que emerge de um processo de doutoramento desenvolvido durante a pandemia da covid-19. Trata-se de um relato de experimentação da entrevista virtual em grupo como dispositivo de produção de dados de uma pesquisa qualitativa em saúde que tomou a cartografia como referência. Abordaremos o manejo, limites e desafios de uma entrevista grupal online realizada em agosto de 2021, com sete participantes. Considera-se que a estratégia possibilitou reunir participantes de diferentes origens geográficas e formações, assim como agiu como ferramenta para a produção de encontro e reflexão da prática.

Palavras-chave: entrevista; pesquisa qualitativa; ambiente virtual.

ABSTRACT

The online group interview is the subject of this study, emerging from a doctoral process developed during the COVID-19 pandemic. It's an account of experimenting with virtual group interviews as a data production tool for a qualitative health research that used cartography as a reference. We will address the management, boundaries, and challenges of an online group interview conducted in August 2021, involving seven participants. The strategy enabled bringing together participants from diverse geographical backgrounds and fields of study, while also serving as a tool for facilitating encounters and reflective practice.

Keywords: interview; qualitative research; virtual environment.

RESUMEN

La entrevista grupal en línea es el objeto de este estudio, que surge de un proceso de doctorado desarrollado durante la pandemia de la COVID-19. Se trata de un relato de experimentación de la entrevista grupal virtual como dispositivo de producción de datos para una investigación cualitativa en salud que utilizó la cartografía como referencia. Abordaremos la gestión, los límites y los desafíos de una entrevista grupal en línea realizada en agosto de 2021, con la participación de siete participantes. Se considera que la estrategia permitió reunir a participantes de diferentes orígenes geográficos y formaciones, al tiempo que actuó como una herramienta para facilitar encuentros y la reflexión sobre la práctica.

Palabras Clave: entrevista; investigación cualitativa; entorno virtual.

1. INTRODUÇÃO

As reinvenções de técnicas de produção de dados *online* em pesquisa, são consideradas por Ferigato et al (2022) como possíveis estratégias de criação de processos inovadores no âmbito acadêmico para pesquisas em saúde, considerando o crescente processo de virtualização da vida, o qual também reflete nos processos de produção de conhecimento, reeditando as possibilidades metodológicas e de produção científica.

A pandemia da covid-19 desencadeou alterações significativas nas diversas esferas da vida, abrangendo os domínios profissional, domiciliar, pessoal e acadêmico. Com o propósito de aderir às medidas restritivas de distanciamento social preconizadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 2020, os pesquisadores se viram diante do desafio de reinventar abordagens metodológicas para a produção de dados em suas investigações, em especial no campo das pesquisas qualitativas. O que outrora se concretizava mediante interações presenciais nos campos de pesquisa, com técnicas como a observação participante, entrevistas e produção de diários de campo, passou por reconfigurações e/ou adaptações com o intuito de ocorrer em plataformas virtuais, restritas ao ciberespaço (Cruz e Coelho, 2022).

Apesar dos desafios, os questionários, formulários e entrevistas online se proliferaram, se consolidando como uma possibilidade de investigação no contexto de distanciamento social imposto pela pandemia, seja para a continuidade de estudos que estavam em andamento como também para novas pesquisas realizadas nesse cenário (Schmidt, Pallazzi e Piccinini, 2020).

A partir das reflexões diante de um processo de doutoramento o qual foi realizado em grande parte nesse cenário pandêmico, temos por objetivo descrever a utilização de entrevistas grupais online em pesquisas qualitativas. Importante ressaltar que nossa proposta não pretende substituir os encontros presenciais, mas sim trilhar caminhos que reflitam sobre as potencialidades e desafios das estratégias online em pesquisa, especialmente num contexto em que a virtualização se mostra intrinsecamente presente. Mesmo com a retomada de estratégias de encontro presenciais nas pesquisas, as aprendizagens disparadas pelo contexto da pandemia instigam-nos a refletir sobre as possibilidades de estratégias online como possibilidades eficazes e de baixo custo para investigações acadêmicas.

A título de contextualização, o objeto de estudo da tese de doutorado em questão foi a prática de preceptoria na formação em saúde, mais especificamente, nos cenários de prática de residências multiprofissionais em saúde mental e foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos, conforme o parecer consubstanciado n. 4.192.515 de 04 de agosto de 2020. Embora façamos referência aos participantes ao longo do presente texto, o

enfoque deste artigo está na experiência metodológica da realização de uma entrevista grupal *online*, e não nos resultados da pesquisa empírica propriamente dita.

2. PERCURSO METODOLÓGICO

Procuramos relatar a experiência da utilização de entrevista grupal online no contexto de uma pesquisa de abordagem qualitativa, tomando a cartografia como referência. O relato de experiência se caracteriza por ser uma produção de conhecimento que se expressa pela descrição de vivências, seja no âmbito acadêmico e/ou profissional, em um dos eixos da formação universitária: ensino, pesquisa e extensão (Mussi, Flores e Almeida, 2021).

Vale explicitar que foram utilizadas outras técnicas para a produção e registro dos dados na pesquisa em questão, a saber: mapeamento dos programas de residência e da literatura; diário de pesquisa; aplicação de questionário *online* (QOL – o qual foi aplicado de abril a junho de 2021 e contou com a participação de 53 respondentes). A entrevista grupal virtual aqui relatada, foi realizada como segunda etapa da pesquisa em agosto de 2021 e contou com 7 participantes, os quais haviam participado da etapa anterior como respondentes do QOL.

Tendo em vista nosso objeto de estudo e o referencial cartográfico como bússola ético-política para nosso processo de produção de conhecimento, a busca de caminhos metodológicos que pudessem favorecer a processualidade nos orientou. De início, uma abordagem qualitativa foi adotada, considerando que estas se concentram no mundo da experiência vivida, segundo Denzin e Lincoln (2005). Para os autores, a palavra qualitativa enfatiza as qualidades das entidades sobre os processos e significados que não são passíveis de serem medidos experimentalmente em termos de quantidade, quantificação, intensidade ou frequência.

Pelo seu caráter, as pesquisas qualitativas pedem por estratégias metodológicas e procedimentos investigativos mais abertos e inventivos (Passos, Kastrup e Escóssia, 2015).

Inicialmente proposta por Deleuze e Guattari (2011), no campo da filosofia, a cartografia tem o sentido de acompanhar processos e, nessa perspectiva passou, também, a ser utilizado em pesquisas, e pode contribuir para o desenvolvimento de pesquisas qualitativas.

Para Passos, Kastrup e Escóssia (2015), a cartografia é concebida como um método de pesquisa-intervenção. Um método para ser experimentado e não adotado, exigindo uma atitude de abertura do(a) pesquisador(a). Traz como desafio a reversão do caminho (hódos) metodológico da pesquisa, o qual tradicionalmente é definido pelas metas predeterminadas (metá-hódos). Nesse sentido, propõe transformar o meta-hodos em hódos-metá, no qual o cartógrafo se orienta pelo

primado do caminho, por pistas na invenção desse processo de pesquisar sobre o objeto da pesquisa, bem como sobre si e seus resultados.

Para a cartografia, segundo Passos e Barros (2015), toda pesquisa é, também, intervenção, o que revela o caráter de inseparabilidade entre o conhecer e fazer, e o pesquisar e intervir. Para os autores, “conhecer o caminho de constituição de dado objeto equivale a caminhar com esse objeto, constituir esse próprio caminho, constituir-se no caminho. Esse é o caminho da pesquisa-intervenção” (p.31).

Segundo Romagnoli (2009), a cartografia é uma valiosa ferramenta de investigação, e um modo de se conceber a pesquisa e o encontro do pesquisador com o campo, para investigar o coletivo de forças que emergem da pesquisa.

Para acessar o plano coletivo de forças, é necessário que o pesquisador aprendiz-cartógrafo aprenda a habitar o campo da pesquisa com a atenção concentrada e aberta, a fim de desenvolver uma política cognitiva inventiva (Passos e Katrup; 2016). Kastrup (2015) entende por política cognitiva “um tipo de atitude ou de relação encarnada, no sentido de que não é consciente, que se estabelece com o conhecimento, com o mundo e consigo mesmo” (p.33).

O desejo de habitar um território específico, porém, foi atravessado pela pandemia da covid-19, já contextualizada. As necessárias restrições diante desse cenário nos convocou a trilhar outros caminhos e nos aventurar em habitar um ambiente virtual, considerando suas limitações, mas com uma aposta na produção de encontro entre participantes que favorecesse uma pluralidade de regiões, atuação profissional etc.

Apresentaremos a estratégia da entrevista grupal online utilizada nesse percurso na produção de dados, a partir de uma perspectiva de “colheita de dados”, tendo em vista que a pesquisa “não só descreve, mas sobretudo acompanha processos de produção da realidade investigada” (Passos e Kastrup, 2016, p.210).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O desejo de habitar um território específico ficou limitado pelas restrições ante do contexto pandêmico que atravessou não só o mundo da pesquisa, como impactou o mundo todo, em especial, o cotidiano das trabalhadoras e trabalhadores da saúde, que estiveram no front do enfrentamento da pandemia do covid-19. Quais caminhos seguir?

Diferentes possibilidades começaram a ser traçadas para a continuidade da pesquisa e considerando o perfil dos(as) participantes, a sobrecarga no trabalho e um momento de tantas ofertas

à distância, assim como um desgaste ante isso, nos questionávamos sobre quais estratégias possibilitariam uma adesão. Além disso, como realizar esses contatos e escolhas?

Optamos, então, por um encontro virtual, utilizando-se da estratégia de uma entrevista grupal, no intuito de aprofundar sobre a experiência dos participantes. Tedesco, Sade e Caliman (2016) ao abordarem as entrevistas (sejam elas individuais ou coletivas) na cartografia, consideram que não existe uma entrevista cartográfica e sim um manejo cartográfico da entrevista, o qual abordaremos adiante. Nossa proposta foi a de dar passagem à vivência de participantes singulares que falavam da experiência deles, mas na compreensão de que não estão isolados, e sim atravessados por um conjunto de forças, culturas e processos de subjetivação.

A entrevista grupal foi realizada via plataforma “Google Meet”, com duração de uma hora e meia, participação de sete preceptoras(es)/participantes da pesquisa e mediação da pesquisadora. O encontro foi gravado na própria plataforma, após aquiescência e consentimento livre e esclarecido, no qual foram garantidos o sigilo e o anonimato das(os) participantes. A entrevista foi gravada com os recursos próprios da plataforma e, posteriormente, transcrita na íntegra pela própria pesquisadora para sua posterior análise.

Em ensaio sobre a entrevista em contexto pandêmico, Silva e Martins (2021) destacam como aspectos positivos a diminuição do tempo necessário para esta etapa, uma vez que não é preciso alocar tempo para o deslocamento do pesquisador até os participantes. Tal eficiência pode resultar em economia de recursos financeiros para a pesquisa. Adicionalmente, a abordagem *online* proporciona conveniência aos participantes, permitindo que eles se engajem no estudo a partir de um ambiente que se sinta mais confortável, o que por sua vez pode facilitar um diálogo espontâneo.

Enquanto potência, identificamos que a estratégia de entrevista grupal virtual se tornou uma possibilidade de reunir preceptores de diferentes formações, locais de atuação, programas de residência localizados em diferentes regiões do país, facilitando a ampliação do recorte de participação de âmbito local para nacional. O caminho até chegar a ele, em seu formato final, trouxe muitas inquietações. Como promover esse encontro e acessar a experiência de preceptoria dos participantes, bem como a troca de experiência entre eles, sem os mediadores clássicos das entrevistas presenciais?

De início, foram disparados convites por e-mail para os participantes da etapa do questionário online (QOL). Nesse primeiro contato, realizado com um mês de antecedência à entrevista grupal, foi realizado convite para o encontro virtual, compartilhando sobre seus objetivos e propondo a realização em uma semana específica, solicitando que os interessados sinalizassem os

melhores dias e horários para possibilitar sua participação. Desse movimento, tivemos o retorno de 16 pessoas.

Um novo desafio foi posto: conciliar as diferentes agendas. Inicialmente, a proposta era realizar a atividade no período noturno ou em um final de semana, mas foi o horário comercial preferencialmente disponibilizado pelos(as) participantes. Dentre as disponibilidades apresentadas e a partir de novas consultas, com o intuito de agregar mais participantes, foi proposta uma data e horário para a realização do encontro e 11 preceptores(as) confirmaram a participação.

Realizar uma entrevista grupal de forma remota trouxe inseguranças para a pesquisadora, em especial em seu processo de planejamento e a impossibilidade de estar presencialmente, do toque, de preparar um ambiente acolhedor, olhar nos olhos de cada um(a). Como ativar a presença de modo virtual? As pessoas iriam comparecer? Os recursos tecnológicos iriam funcionar (computador, internet, etc. tanto os da pesquisadora como dos(as) participantes da pesquisa) adequadamente? Outras questões, das quais compartilhamos, são colocadas por Sousa e Mendonça (2021) diante dos desafios para o desenvolvimento das pesquisas qualitativas em saúde no contexto de pandemia:

[...] Quais são as possibilidades e os limites à realização de entrevistas online por meios de videoconferência? E mais, como ter segurança de que as pessoas e comunidades a serem investigadas estariam dispostas a colaborar com o estudo? E as questões éticas para o novo modelo de abordagem? [...] Não se tratava, portanto, de como usarmos ou não as tecnologias, mas de como lidarmos com as pessoas que, de agora em diante, teriam de interagir com essas tecnologias nos cenários mais adversos que pintam o mapa geográfico do nosso país. (Sousa e Mendonça, 2021, p.24 e 25)

Mesmo antes de um cenário pandêmico, Tedesco, Sade e Caliman (2016) já problematizavam a possibilidade do encontro não presencial, tendo em vista o avanço das tecnologias: “Em que medida e como a experiência do dizer em curso é transformada e interferida pela tecnologia utilizada? Como considerar essa especificidade?” (p.124).

Na tentativa de amenizar um pouco esses limites acerca do modo à distância e cultivar o encontro, foram enviados novos e-mails para lembrar do convite na semana anterior e em sua véspera, com dados gerais para participação, link para acesso, assim como compartilhar o desejo em encontrá-los(as) e a aposta nesse encontro. Quando disponibilizado pelo(a) participante, foi realizado, também, contato via WhatsApp, para aproximação. Desse modo, o contato com o grupo teve início antes do encontro propriamente dito.

Foi solicitado que os participantes se organizassem, dentro do possível, para entrar alguns minutos antes, a fim de garantir um respeito ao horário pactuado previamente, tendo em vista que foi sinalizado por parte dos participantes como algo importante para garantir sua presença. Com isso, a

sala foi aberta cerca de 20 minutos antes do programado e, 10 minutos antes, os participantes começaram a entrar. Os minutos que precederam a gravação da entrevista tiveram um clima de receptividade, trocas entre os(as) participantes para além do trabalho, o adentrar em suas casas (o compartilhar sobre a maternidade por algumas das participantes e os desafios com isso no trabalho) e nos seus ambientes de atuação profissional (exigindo que três deles estivessem mascarados). O encontro foi parecendo mais possível de realizar, com afeto, apesar da intermediação das telas e as inseguranças perderam um pouco o seu lugar.

Na véspera do encontro, uma participante enviou um e-mail comunicando sua desistência. Na manhã do encontro, um pouco antes do início, um novo e-mail de desistência. Em ambos, as justificativas de que haviam sido convocadas para questões de trabalho. Outra participante fez contato na véspera, compartilhando que conseguiria participar, mas de seu ambiente de trabalho, e que poderia ter intercorrências que a impossibilitasse estar integralmente. Outras duas informaram que precisariam sair exatamente no horário combinado ou 5 minutos antes, pois já teriam outro compromisso do trabalho na sequência e outros dois não compareceram e não deram notícias.

Com isso, dos 11 que haviam confirmado a participação, 7 estiveram presentes. Os diversos contatos que antecederam ao encontro trouxeram reflexões que nos pareceram se aproximar do objeto de estudo. Trouxeram um desejo de habitar a pesquisa, e, ao mesmo tempo, um atravessamento por questões do mundo do trabalho em saúde, num contexto adverso, precarizado e pandêmico, os quais também atravessam os processos formativos da prática da preceptoria: sobrecargas, sobreposições de agendas, imprevistos. Pessoas que se disponibilizam para facilitar a formação em serviço, mas que encontram muitas dificuldades para terem, elas próprias, espaços para sua formação ou para a reflexão sobre o seu processo de trabalho.

Embora tenham ocorrido desistências, foi possível realizar a entrevista grupal com um número suficiente para garantir o que nos era caro nesta etapa: a produção de dados a partir do aprofundamento dos dados produzidos no QOL e a promoção de um espaço de trocas e de reflexões sobre a prática. Consideramos que, por ter sido realizado de forma remota, um número maior de participantes traria desafios quanto ao manejo do tempo, tendo em vista o envolvimento dos participantes e considerando que a questão do tempo, como já abordado, fora uma preocupação dos participantes para viabilizar sua participação.

Nesse sentido e, analisando o perfil dos participantes e as (im)possibilidades de sua participação, optamos pela realização de um único encontro, compreendendo que o propósito não era obter uma saturação dos dados, e sim dar passagem às experiências, abrindo novas questões.

Além dos movimentos de articulação com os participantes, outro desafio era o de planejar esse ambiente virtual de encontro. Os questionários utilizados na etapa anterior permitiram acessar, em geral, a forma. Conhecer quem são, onde estão (e onde não estão), as profissões, as estratégias utilizadas na prática de preceptoria, dentre outras questões que caracterizavam e traziam algo fixo, objetivo. Foi possível lançar algumas pistas onde os afetos surgiam, em especial, nas questões abertas do último bloco que falavam da relação preceptor-residente, potências e desafios da prática. Ainda assim, na superfície. Como dar língua aos afetos que pedem passagem (Rolnik, 2016)?

Tedesco, Sade e Caliman (2016) trazem reflexões importantes para o manejo da entrevista, visando favorecer o acesso à experiência e intervir no processo de dizer:

[...] a fala do entrevistado muitas vezes descreve sua vivência numa perspectiva distanciada e desencarnada. Este distanciamento resulta de práticas e formas de vida pautadas na representação, produtoras da separação entre modos de dizer e o dito (expressão e conteúdo). Nesses casos, a entrevista visa intervir, por meio do manejo, para fazer com que os dizeres possam emergir encarnados, carregados da intensidade dos conteúdos, dos eventos, dos afetos ali circulantes. A fala deve portar os afetos próprios à experiência (Tedesco, Sade e Caliman, 2016, p. 100).

Considerando as reflexões dos autores, partimos para o planejamento do encontro para a entrevista grupal, a qual foi estruturada da seguinte maneira: leitura do TCLE para fins da pesquisa, retomando com isso seus objetivos, seguido da apresentação dos participantes. Para esse momento, o qual estava ligado à identidade profissional, ou seja, algo que é fixo (e que revelou dados como nome, profissão, local de atuação/cenário de prática), foi inserida uma questão que objetivava dar movimento a esse momento (levando do fixo para o fluxo): “O que me move na prática da preceptoria?”, na intenção de favorecer com que emergisse de suas falas os afetos de suas experiências, compartilhando onde estavam seus desejos com a prática da preceptoria.

Em pesquisa bibliográfica sobre práticas grupais na esquizoanálise, dentre as quais incluíram a cartografia, Hur e Viana (2016) consideraram que as produções acadêmicas apresentaram como positivos os resultados sobre esses dispositivos de grupos, tendo em vista colocarem em movimento o pensamento, os afetos e corpos e “em sair do instituído para o instituinte, da territorialização para desterritorialização, do fixo para o fluido” (p.7).

A utilização de questões mais abertas na entrevista pode ser vista como “um convite ao entrevistado para falar longamente, com suas próprias palavras e com tempo para refletir” (Tedesco, Sade e Caliman, 2016, p.108). Percebemos que, para chegar ao que move, os(as) preceptores(as) contaram de suas trajetórias até chegar à preceptoria, e deram pistas de um plano comum para essa prática. Assim, trazer para o grupo a questão “o que me move”, favoreceu essa saída de uma

apresentação de uma identidade fixa para um movimento, fluidez, em direção aos desejos daqueles preceptores.

Na sequência, a proposta foi de compartilhar alguns dos dados colhidos na primeira etapa da pesquisa e, após esse momento, a aposta foi de não se direcionar a nenhuma nova questão específica, e sim abrir para o que emergisse do grupo a partir do contato com esses dados. A intencionalidade com esse movimento foi a de incluir os participantes em processo e no processo de validação da pesquisa cartográfica, instaurando novos questionamentos e direcionamentos da pesquisa.

A própria pesquisadora foi a moderadora da entrevista em grupo. Por acontecer em ambiente virtual e ter a possibilidade de gravar o encontro, optou-se por não ter observadores e relatores para compor esse espaço entendendo que as gravações possibilitariam esse revisitar.

Ao desenvolver o presente artigo, destacamos nossa experiência na pesquisa, a qual exigiu a realização de entrevista online devido ao cenário pandêmico. Sem a pretensão de propor a substituição dos encontros presenciais, mergulhar nas sutilzas da cibercultura contemporânea nos fez buscar por estratégias que favorecessem a experiência do dizer.

Como limites apontamos a questão do acesso à internet, o local protegido para a participação no encontro assim como diversas nuances que interferem na fluidez da participação, a leitura dos gestos e da comunicação não verbal.

Embora com limitações, algumas pistas que favoreceram esse processo foi o cuidado com a interação tal como o uso de câmeras ligadas e a busca por estratégias que favorecessem a fluidez das dinâmicas grupais.

Segundo Gray et al (2020) as entrevistas presenciais e as observações empíricas são as estratégias mais comumente utilizadas para a coleta de dados qualitativos e cumprem uma função de aprofundamento em relação ao objeto da pesquisa na perspectiva do participante em interação com o entrevistado. Assim, compreendemos que, mais do que o roteiro estruturado de questões, a dinâmica da *interação* é a base mais importante da ecologia comunicacional das entrevistas, o que interfere nos dados produzidos, uma vez que a comunicação verbal e não verbal entre entrevistador e entrevistado propicia ou constringe uma maior fluidez das (entre)vistas.

O ambiente virtual, introduz novas possibilidades interacionais e ao mesmo tempo limita outras. Neste sentido, o ambiente compartilhado do ciberespaço introduz nas entrevistas um novo agenciamento entre telas, além do entre-vistas.

A possibilidade de fechar e abrir as câmeras, as variáveis de distração, a inscrição de múltiplos ambientes no ato da entrevista (casa, ambiente de trabalho e diferentes locais em que o entrevistador se encontre do ato da entrevista), a restrição da comunicação corporal não verbal ao

rosto, o agenciamento com dispositivos tecnológicos de interação, a condição do entrevistador de ao entrevistar se visualizar entrevistando, são algumas das modificações que transformaram o campo de possibilidades processuais na produção de dados e por tanto, interferem nos resultados produzidos.

Por isso, neste processo, identificamos pistas que apoiaram a pesquisa na incorporação crítica destas mudanças.

Primeiro a incorporação de técnicas interativas de apresentação entre os participantes e sensibilização em relação ao tema da pesquisa para o grupo entrevistado, aplicadas previamente à entrevista em si. Esse processo objetivou acolher e ampliar as possibilidades de constituição de uma grupalidade entre os participantes, além de facilitar uma maior fluidez discursiva entre os participantes que não se conheciam previamente.

Além disso, procuramos garantir a inclusão destas mudanças na apresentação dos resultados e nas análises dos dados e na redação final da pesquisa.

Entre os limites do uso desta técnica de entrevista *online* podemos incluir a limitação da participação dos sujeitos da pesquisa ao acesso à internet e sua qualidade de conexão, bem como sua habilidade com as tecnologias digitais, além de maior impessoalidade da entrevista, marcado pela ausência da presença física entre entrevistadores e entrevistados.

Percebemos, assim, que reunir os participantes a partir da estratégia da entrevista grupal agiu como dispositivo para a produção de encontro e reflexão da sua prática.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alguns questionamentos nos guiaram nesse percurso. Em que medida foi possível desenvolver uma pesquisa cartográfica em um contexto pandêmico que impedia a habitação de territórios pesquisados? Como sustentar na academia outros modos de pesquisar que possam escapar de uma lógica produtivista neoliberal? É possível produzir conhecimento construindo perguntas e não certezas, numa perspectiva de hesitação? Como sustentá-la?

Para Stengers (2018), alguém que hesita é alguém que permite a instalação da dúvida, que renuncia às certezas, e, por isso, obriga ao pensamento. Quem hesita, contrapõe-se à figura do especialista que, apegado ao seu arcabouço teórico ou técnico, acaba reduzindo as margens de abertura à reflexão. Ou seja, as certezas teóricas, mas, também, metodológicas, acabam por “impedir que seus representantes sejam obrigados a pensar, que esse caso os coloque em risco” (Stengers, 2018, p. 452).

Consideramos aqui o hesitar no sentido de revelar as dúvidas sobre algo, ocupando-nos com nosso desconhecer. Hesitar e produzir um caminho que valoriza o processo, valoriza a narrativa do outro, mas que hesita em ser ou não uma cartografia, considerando sua complexidade. Incluir as contradições no/do processo de pesquisar nos importaram, seja das impossibilidades do cenário, seja na percepção das aberturas e resistências da pesquisadora nesse percurso, incertezas e encantamentos. Esse **ethos cartográfico**, que diz de uma postura de abertura e que abrange uma reflexão sobre a própria realização da pesquisa, foi nossa bússola nessa trajetória da pesquisa.

O cenário pandêmico, já contextualizado, trouxe limites quanto ao habitar os campos dos cenários de práticas da preceptoría, objeto de nosso estudo. Apesar disso, percebemos que foi possível acompanhar processos (com estes limites, certamente), a partir da identificação das processualidades que se anunciavam nas narrativas dos(as) preceptores(as), as quais acessamos por estratégias remotas. Em outros momentos, essa processualidade não pôde ser alcançada como o previsto, mas ainda assim, foi possível acessar distintos planos da produção de conhecimento e encontros.

A entrevista grupal online revelou sua potência ao possibilitar reunir participantes de diferentes origens geográficas e formações. Enfrentando desafios na implementação, questões sobre adesão dos participantes e desempenho tecnológico foram dúvidas presentes nesse percurso. A criação de um ambiente acolhedor e estratégias para ativar a presença no ambiente virtual foram aspectos considerados no percurso, buscando caminhos que aproximassem, mesmo que mediados por telas.

Considerando o crescente processo de virtualização da vida, o qual se expressa também nas pesquisas em saúde, reunir os participantes a partir da estratégia da entrevista grupal agiu como dispositivo para a produção de encontro e reflexão da sua prática.

REFERÊNCIAS

CRUZ, Lilian Moreira; COELHO, Lívia Andrade. Rodas de conversa on-line: perspectivas e desafios da técnica. **Revista Momento – diálogos em educação**, E-ISSN 2316-3100, v. 31, n. 03, p. 126-143, set./dez., 2022. DOI: <https://doi.org/10.14295/momento.v31i03.14008> Acesso em: 13 ago. 2023.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**. v.1. São Paulo: Ed. 34 Letras, 2011. 2. ed. 128 p.

DENZIN, Norman Kent; LINCOLN, Yvonna Sessions. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, Norman Kent; LINCOLN, Yvonna Sessions (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

FERIGATO, Sabrina Helena; TEIXEIRA, Ricardo Rodrigues; MOREIRA JUNIOR, Jair de Souza; TOGASHI, Giovanna Benjamin; ANDRADE, Andressa Caravage de; SANTOS, Rogério da Costa; BOARO, Júlio. O questionário online como dispositivo de produção de dados na pesquisa em saúde. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, v. 08, n. 11, pp. 123-150, 2022. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/saude/o-questionario-online-como-dispositivo-de-producao-de-dados-na-pesquisa-em-saude>. Acesso em: 19 dez.2022.

GRAY, Lisa M.; et al. Expanding qualitative research interviewing strategies: zoom vídeo communications. **The Qualitative Report**. v. 25 n.5, pp. 1292-1301, 2020. DOI: <https://doi.org/10.46743/2160-3715/2020.4212>. Acesso em: 13 dez. 2022.

HUR, Domênico Uhng; VIANA, Douglas Alves. Práticas grupais na esquizoanálise: cartografia, oficina e esquizodrama. **Arquivos brasileiros de psicologia**. [online]. v.68, n.1, pp.111-125, 2016. ISSN 1809-5267. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672016000100010. Acesso em: 21 ago. 2022.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 32-51.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fabio Fernandes; ALMEIDA, Cláudio Bispo. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práx. Educ.**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60-77, out.2021. DOI: <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v17i48.9010>. Acesso em: 2 ago. 2023.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 17-31.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015. 207p.

PASSOS, Eduardo.; KASTRUP, Virgínia. Sobre a validação da pesquisa cartográfica: acesso à experiência, consistência e produção de efeitos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia Helena. **Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum**. Porto Alegre: Sulina, 2016. p. 203-237.

ROLNIK, Sueli. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2016. 248 p.

ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. A cartografia e a relação pesquisa e vida. **Psicologia & Sociedade**, v. 21, n. 2, pp. 166-173, 2009.

SCHIMIDT, Beatriz; PALLAZZI, Ambra; PICCININI, Cesar Augusto. Entrevistas online: potencialidades e desafios para coleta de dados no contexto da pandemia de COVID-19. **Revista Família, Ciclos De Vida e Saúde no Contexto Social** (online), v.8, n.4, p. 960-966, out./dez. 2020.

Disponível em: <https://seer.uftm.edu.br/revistaelectronica/index.php/refacs/article/view/4877/pdf> .
Acesso em 03 de maio de 2023.

SILVA, Gislene Martins da; MARTINS, Márcia Vitor Ribeiro. Um olhar sobre a entrevista: limitações e potencialidades em pleno contexto pandêmico. In: SOUSA, Maria Fátima; MENDONÇA, Ana Valéria Machado. (organização). **Métodos e técnicas de pesquisa qualitativa em saúde** [livro eletrônico]. v. 1. 1. ed. Brasília, DF: ECoS, 2021. Formato PDF.

SOUSA, Maria Fátima.; MENDONÇA, Ana Valéria Machado. (organização). **Métodos e técnicas de pesquisa qualitativa em saúde** [livro eletrônico]. v.1. 1. ed. Brasília, DF: ECoS, 2021. Formato PDF.

STENGERS, Isabelle. A proposição cosmopolítica. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 69, pp. 442-464, 2018. DOI: 10.11606/issn.2316-901X.v0i69p442-464.
Acesso em: 4 mar. 2023.

TEDESCO, Silvia Helena; SADE, Christian; CALIMAN, Luciana Vieira. A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia Helena. **Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum**. Porto Alegre: Sulina, 2016. pp. 92-127.

Informações sobre o Artigo

Resultado de projeto de pesquisa, de dissertação, tese: Derivado da tese de doutorado “Habitar fronteiras: transbordamentos da preceptoria nos processos de formação de Residências na Saúde Mental”, da primeira autora, orientado pela segunda autora (Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos – PPGTO/UFSCar).

Fontes de financiamento: Não se aplica.

Apresentação anterior: Não se aplica.

Agradecimentos/Contribuições adicionais: Não se aplica.

Aline Silva de Moura

Terapeuta Ocupacional, doutora em Terapia Ocupacional pelo Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos (PPGTO/UFSCar). Docente do Curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

E-mail: alinemoura@ufba.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6636-0274>

Sabrina Helena Ferigato

Terapeuta Ocupacional, doutora em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Docente do Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos (DTO/UFSCar).

E-mail: sabrinaferigato@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7567-7225>